

Planalto quer novo estilo para FH

Políticos avaliam que presidente só poderá recuperar credibilidade se mostrar determinação para defender a estabilidade da economia

Gilberto Alves - 10/3/99

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA - O presidente Fernando Henrique Cardoso foi aconselhado por especialistas e políticos a mudar o seu estilo para recuperar a credibilidade. Eles sugerem um presidente mais agressivo, mais afirmativo, fazendo o discurso que a população quer ouvir, adotando medidas que indiquem determinação de defender a estabilidade da economia.

Com a sua credibilidade em queda, desde que o real foi desvalorizado, e com a ameaça da volta da inflação, esses especialistas e aliados consideram que, se Fernando Henrique não mudar de atitude, ficará ainda mais impopular. Avaliam que passará a uma imagem de displicência diante das dificuldades, e de indiferença com os sacrifícios que atingirão a maioria dos brasileiros.

Coragem - Um dos principais conselheiros do presidente afirma que é preciso ter coragem de mudar e lembrar que o ex-presidente Getúlio Vargas também achava que o dia de amanhã seria dele. Apesar da queda de credibilidade, que poderá corroer a ampla base parlamentar do governo, Fernando Henrique resiste a qualquer mudança. Sua avaliação é a de que seu estilo deu certo até agora e que quando a situação econômica melhorar recupera a credibilidade.

Um dos mais próximos assessores do presidente diz que a sua credibilidade virá com a volta da estabilidade, a qual a imagem de Fernando Henrique está associada. Os auxiliares do presidente não consideram que os números das pesquisas indiquem situações definitivas. Argumentam que

Fernando Henrique, apesar de tudo, continua sendo muito bem recebido pelo povo. O que ele sente nas ruas, comparando um assessor, é diferente do que aparece nas pesquisas. Por isso, a intenção dos estrategistas do Planalto é aumentar a exposição pública de Fernando Henrique.

Mas muitos aliados avaliam que o



Fernando Henrique resiste a uma mudança de estilo por considerar que terá de volta sua credibilidade quando a situação econômica melhorar

estilo que deu certo até agora se esgotou e que o momento grave exige uma nova postura. Para os que defendem essa tese, o presidente está agora passando uma imagem de conformismo diante das dificuldades econômicas. E esse acanhamento, na opinião deles, tem resultado no crescimento político cada vez maior do presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA).

Reforma - Esses especialistas e políticos cobram posições mais firmes do presidente para aumentar sua autoridade moral. Querem que Fernando Henrique acelere a reforma administrativa, destinada a enxugar o governo federal, para que tenha maiores condições políticas de cobrar um ajuste rigoroso dos estados.

"O presidente tem que transmitir a segurança à sociedade de que as me-

das que estão sendo tomadas são as adequadas para que o país volte a crescer", afirma o presidente do PMDB, senador Jader Barbalho (PA). Para os aliados não se pode abrir mão das medidas econômicas de austeridade, mas isto não impede que o governo tenha metas e anuncie medidas em áreas que não a econômica.

"O presidente e os partidos que lhe dão sustentação têm de criar uma nova

agenda que inclua a reforma política, a reforma tributária e o complemento da reforma do Estado", sugere o presidente do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC). Mas mesmo que o país volte a crescer no ano que vem, como o governo espera, os aliados defendem que o presidente tome providências em favor da população de baixa renda - a mais afetada pela volta da inflação -, evitando que se crie um clima de des-

confiança nas classes C, D e E.

Compensações - "Não podemos sacrificar o futuro, nem sair atrás de popularidade fácil, porque não dá certo", afirma o governador do Ceará, Tasso Jereissati. Mesmo assim, o tucano acredita que há espaço para uma maior agressividade na implementação de políticas sociais. "O governo tem que adotar ações compensatórias para as áreas mais pobres", diz Jereissati.

Se o governo permanecer paralisado, analisam aliados, a população pode perder a paciência. "Do jeito que vai o presidente pode não conseguir sair nas ruas", comenta o deputado Flávio Derzi (PMDB-MS).

Se iniciativas para aumentar o número de empregos não forem adotadas, o governo não terá apenas que enfrentar protestos sociais, mas também déficit maior na Previdência. Com menos empregos formais a arrecadação da Previdência cai.

Os conselheiros também querem que Fernando Henrique dê uma chacoalhada no ministério. Avaliam que o momento econômico é difícil e ficará pior se for mantida uma máquina morosa que não toma providências. Essa preocupação existe até entre setores do governo que questionam se a área econômica terá agilidade necessária para tirar vantagem dos aspectos positivos - sobretudo nas áreas de exportação e de revitalização do mercado interno - da desvalorização do real ante o dólar.

No meio de tantas apreensões, o presidente do PSDB, senador Teotonio Vilela (AL), acredita que Fernando Henrique poderá recuperar seu fôlego antes mesmo de uma retomada do crescimento da economia. A safra agrícola e o retorno do fluxo de dólares são os fatores previsíveis e de curto prazo que, segundo o tucano, trarão oxigênio para o governo. "A credibilidade do presidente não virá com maquiagens. A nossa bússola agora não deve ser a popularidade, mas os resultados", diz Teotonio.